

DISCURSO JORNALÍSTICO VERSUS BIOGRAFIA. QUESTÕES NA BIOGRAFIA DE OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA. ¹

Luis Celestino de França Júnior, professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo

Em 2006, foi lançada a biografia do proprietário da *Folha de S. Paulo*: “A trajetória de Otávio Frias de Oliveira”, de Engel Paschoal. Após a morte de Frias em 2007, a obra acabou sendo relançada pela Publifolha, editora da empresa Folha da Manhã S.A. Mesmo que vista sob o olhar pejorativo de algo oficial e condescendente, a biografia lança versões sobre episódios da história da trajetória do jornal que conflitam com outros trabalhos (KUSHNIR, 2004). Dessa forma, a leitura da biografia de Frias pode trazer mais do que um debate sobre qual a versão “verdadeira”, mas uma importante discussão sobre o discurso biográfico. Nesse sentido, o artigo buscou um diálogo com questões levantadas no livro “Teoria da Biografia sem Fim”, de Felipe Pena (2004), e sua abordagem sobre os “fractais biográficos”.

Palavras-chave

Jornalismo, Editoração, biografias, Folha de S. Paulo

01. Apresentação

Quanto mais entramos na história pessoal e empresarial de Octavio Frias de Oliveira, mais apaixonados por ela ficamos. É uma história que transborda emoção, simplicidade, determinação, ousadia, coragem, visão, serenidade e pragmatismo.

Texto de apresentação da biografia de Octavio Frias de Oliveira

Embora a ficha catalográfica de *A trajetória de Octavio Frias de Oliveira*, de Engel Paschoal, publicado pela Publifolha, apresente o livro como “biografia”, o próprio autor afirma não se tratar de uma biografia propriamente dita, mas de um perfil. Dividido em oito capítulos e uma parte que coleta uma série de depoimentos sobre o antigo dono da *Folha de S. Paulo*, a obra foi lançada inicialmente em 2006 pela *Mega Brasil Comunicação*, mas relançada em 2007 (ano da morte de Frias) pela *Publifolha*, editora da empresa jornalística Folha da Manhã S.A., propriedade da família Frias e responsável pela edição do jornal Folha de S. Paulo.

O artigo não tem como objetivo discutir os limites de uma biografia oficial. Tampouco confrontar versões de trechos da obra com outras que já tenham abordado os mesmos temas. Mas levantar questões sobre uma das atividades mais comuns entre jornalistas atualmente: a produção de biografias. Quais os limites para a aplicação de

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

um discurso jornalístico na construção de um texto sobre a vida de uma personagem? Há possibilidade de diálogo com metodologias de pesquisa do campo da história ou a necessidade de alcance a um público maior (velho anseio da cultura de massa) afasta o caráter acadêmico de precisão e rigor desse discurso biográfico? Quais as principais reflexões desenvolvidas por pesquisadores do campo do jornalismo sobre esse tema?

São questões que certamente não encontram respostas simples e diretas num único artigo. Nesse sentido, o objetivo do trabalho é propor o início desse debate utilizando a biografia de Octavio Frias de Oliveira para um breve estudo de caso. Por sinal, também tem sido comum a publicação de biografias dos proprietários dos grandes conglomerados de comunicação do país. Foi o caso, por exemplo, da biografia de Roberto Marinho, publicada pela Jorge Zahar em 2004, de autoria de Pedro Bial (jornalista das empresas Globo). Temos o exemplo ainda de *A Fantástica História de Silvio Santos*, publicada pela Editora do Brasil em 2000, de autoria de Arlindo Silva (ex-assessor de Silvio Santos).

A publicação dessas biografias pode levantar a questão de como a mídia costuma escrever a sua própria história. Algo que não se resolve simplesmente com a crítica fácil de um discurso oficialesco que expressa a ética de Ricupero: “o que é bom a gente mostra, o que é ruim a gente esconde”.

Vale ressaltar que essa tendência de biografias oficiais não é propriamente recente. Em 1951, Meyer Berger, famoso repórter do New York Times, escreveu a “história oficial do New York Times”, obviamente se referindo a trajetória das famílias Ochs, Sulzberger e Adler, proprietárias do jornal (TALESE, 2000). Em 1998, a autobiografia de Katharine Graham, dona do jornal Washington Post, ganhou o prêmio Pulitzer e se tornou um best-seller ficando quatro meses na lista do *New York Times* dos livros mais vendidos. Sem o mesmo sucesso de vendas, o livro foi publicado no Brasil em 1998 pela DBA (*Katharine Graham. Uma História Pessoal*).

02. Discurso jornalístico

Uma breve revisão na teoria das notícias apresenta o que o pesquisador português Nelson Traquina (2001) vai chamar de paradigma do espelho. As notícias são como são porque a realidade assim as determina. Essa noção, forte sobretudo na prática profissional, é que baseia a defesa de que “os jornalistas tem que se ater aos fatos” e reforça slogans do tipo “a realidade como ela é” e “apenas mostramos o que acontece na sociedade”, tão comum em programas policiais sensacionalistas. Pode-se dizer que esse

paradigma se tornou forte, sobretudo, quando da “transformação” da imprensa publicista, defendendo causas e expressando opiniões, para a imprensa informativa, marcada pela pretensa objetividade na transmissão de notícias. Assim, o jornalista deixa de ser alguém interessado no convencimento de alguma idéia ou na defesa de alguma causa, para se transformar num desinteressado comunicador.

A ideologia jornalística defende uma relação epistemológica com a realidade que impede quaisquer transgressões de uma fronteira indubitável entre realidade e ficção, havendo sanções graves impostas pela comunidade profissional a qualquer membro que viola essa fronteira. O *ethos* dominante, os valores e as normas identificadas com um papel de árbitro, os procedimentos identificados com o profissionalismo, fazem com que dificilmente os membros da tribo jornalística aceitem qualquer ataque à teoria do espelho, porque a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social que as notícias refletem a realidade, que os jornalistas são imparciais devido ao respeito das normas profissionais e asseguram o trabalho de recolher as informações e relatar os fatos, sendo simples mediadores que reproduzem o “acontecimento” na notícia. (TRAQUINA, 2001, p.68)

Essa questão é transposta para a construção de biografias a partir do mesmo paradigma. O repórter-jornalista-biógrafo, nesse caso, mesmo exercendo uma atividade autoral, “relata” os fatos como aconteceram a partir do respeito a normas profissionais, transformando assim “acontecimentos” em texto biográfico.

Na biografia de Frias, logo na introdução o autor diz tratar-se de um “retrato da vida pessoal e profissional dele, do nascimento aos dias de hoje” (página 15). A idéia do “retrato” nada mais é do que o velho paradigma do espelho, ou seja, a reprodução exata dos fatos como aconteceram.

Não é preciso reflexão mais profunda para constatar que o paradigma do espelho é o mais criticado entre os teóricos do campo do jornalismo. Considerada pobre e insuficiente para a explicação do que se torna ou não notícia, a teoria costuma ignorar que o texto jornalístico é uma construção e não meramente uma reprodução.

No livro *O jornal – da forma ao sentido*, a pesquisadora Vera Regina Veiga França, no artigo “Construção jornalística e dizer social”, tece uma série de considerações sobre características do discurso jornalístico. “O discurso jornalístico é um metadiscurso, um discurso que se constitui a partir de outros. Ele não constitui, porém, uma simples repetição; ao contrário, a sua construção constitui uma nova realidade” (2001, p.489) A biografia, apoiada num discurso

jornalístico, também se torna um metadiscorso, construindo um texto a partir de outros (documentos, entrevistas, etc.). A simples seleção desse material já constitui uma construção.

03.A biografia

A quantidade de biografias escritas por jornalistas ainda tem sido pouco estudadas por pesquisadores do campo do jornalismo. Nesse campo, o trabalho que mais tem se destacado é o do professor Felipe Pena, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pena (2006) considera que as biografias são uma “mistura” de Jornalismo, História e Literatura, mas critica a possibilidade de construção de histórias com coerência e estabilidade, baseadas em narrativas cronológicas de acontecimentos com significados e direção.

O relato biográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma cronológica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente (PENA, 2006, p. 72)

Nesse sentido, as narrativas biográficas tendem a oferecer enquadramentos que ordenam a vida articulando memórias e aspirações das personagens biografadas, suas motivações e o significado de suas ações. As biografias são, necessariamente, uma reinterpretação do passado. Pena chama a atenção ainda para duas variáveis na construção de narrativas biográficas: o tempo e a memória. “No momento em que lembramos de algo, o que era passado torna-se narrativa e articula-se no presente, sendo, portanto, simultâneo a esse presente” (PENA, 2006, p. 76). Assim, a memória só permanece memória enquanto esquecida ou “em segredo”, mas, a partir do momento em que é acionada (lembrada) se articula com o tempo presente e se torna discurso.

Há, dessa forma, duas memórias. A primeira é relativa ao indivíduo ou sujeito (autor ou leitor). A segunda é relativa ao texto escrito.

Partindo da ausência (do autor) para fundar outra presença, a escrita leva o significado sempre para a posteridade, para o futuro. Nesse sentido, rompe com a idéia de linearidade temporal, já que o instante original das formulações jamais seria atingido, pois ele não estaria no passado, mas na sua reinterpretação no presente. (PENA, 2006, p. 76)

O passado não está definitivamente pronto e acabado. Ele ainda está por fazer e é na sua articulação com o presente que a memória é transformada em discurso. É o que se pode chamar de “presentificação” do texto, ou seja, cada leitor (sujeito) dá uma nova forma aos acontecimentos narrados (discurso).

O problema da segunda variável, o tempo, está relacionado a um enquadramento extensivo. É possível enquadrar e medir o tempo numa narrativa jornalística aplicada a uma construção biográfica? Novamente, só é possível essa articulação a partir da construção de um discurso. Como o tempo não é visível, tangível ou mensurável, uma biografia só alcança uma espécie de névoa distante através de imagens construídas pela(s) memória(s). A maioria dos textos acaba optando pela seqüência linear que se configura como narrativa cronológica.

Vale ressaltar que o autor, enquanto sujeito, é figura central nessa articulação de tempo e memória e, ele próprio, se insere nesse texto. No caso da biografia de Octavio Frias de Oliveira, Engel Paschoal não esconde a dificuldade de ver a personagem com distanciamento. Pelo contrário, ressalta essa admiração, embora destaque que até escrever o livro só encontrou o *publisher* da Folha em duas oportunidades, ou seja, não era um amigo ou pessoa íntima.

Ao longo das entrevistas para este livro, pelo menos três pessoas se lembraram da famosa seção “Meu tipo inesquecível”, da revista Seleções, para se referir a Octavio Frias de Oliveira: Ives Gandra Martins, Clóvis Rossi e Alex Periscinoto. Todos os outros, no entanto, se referiram a ele da mesma forma, apesar de não citarem nominalmente aquela seção. Por isso, acho justo considerar o sr. Frias o “meu tipo inesquecível” de todos.

Essa “admiração” que pode ser vista como uma denúncia de texto tendencioso, ao mesmo tempo, pode ser visto como o estabelecimento de uma relação honesta com o leitor. O autor não se esconde atrás de um relato 100 % objetivo, pelo contrário, em várias passagens do texto constrói sua narrativa ressaltando essa admiração.

04. Os fractais biográficos

Em 2004, Felipe Pena propôs uma espécie de novo modelo na construção de biografias, que ele chama de teoria da biografia sem fim ou teoria dos fractais biográficos. Citando Bourdieu, Pena considera “ilusão biográfica” a pretensa construção de um “relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção”.

Ele defende, assim, a organização de uma biografia em capítulos nominais que reflitam as múltiplas identidades da personagem. No interior de cada capítulo, o biógrafo relaciona pequenas histórias fora da ordem diacrônica.

De forma resumida, o conceito de fractal está ligado ao de auto-similaridade, e pode representar padrões de recorrência para dar conta de combinações supostamente aleatórias. Ele também está inserido no contexto de infinitude, pois é possível verificar que a realocação das histórias sobre o personagem em outros fractais de referência também seria viável, já que a idéia básica é a de que cada pequeno fractal seria uma cópia reduzida do grande, que, por sua vez, seria uma cópia reduzida do biografado. E, além de serem complementares e irregulares, essas subdivisões poderiam continuar de forma infinita, revelando novas e inexploradas visões sobre o indivíduo. (PENA, 2006, p. 93)

No texto de Engel Paschoal não há propriamente uma construção de fractais. Sobretudo porque, na forma como proposta por Felipe Pena, a obra acaba sendo sempre “aberta” e em permanente construção a partir de uma reunião desses relatos fragmentados. Além do mais, Pena aponta para uma possibilidade de interatividade e trabalha já com um suporte digital no caso da biografia de Adolpho Bloch.

Mesmo assim, a segunda parte do texto de Paschoal, quando seleciona uma série de depoimentos, consegue construir um relato de textos não-coerentes entre si e também não marcados por uma ordem cronológica. O que pode ser visto como uma mera reunião de opiniões positivas sobre o *publisher* da Folha, seja entre empresários, políticos e jornalistas, também serve como exemplo da capacidade de se relacionar com uma parcela influente da sociedade paulistana e brasileira. No mesmo capítulo, estão nomes como Olavo Setúbal, dono do banco Itaú, José Sarney, senador pelo Amapá e ex-Presidente da República, e Clóvis Rossi, repórter e colunista do jornal. Obviamente dessa reunião, só poderiam sair relatos distintos de pessoas que, certamente, não são próximas em suas atividades profissionais e políticas.

05.O mito do herói

O sociólogo Ronaldo Helal, um dos principais pesquisadores na área de sociologia do esporte no Brasil, também oferece uma interessante contribuição sobre a construção de biografias de ídolos do esporte brasileiro. Numa leitura sobre a biografia de três atletas, Zico, Romário e Ronaldo, Helal propôs considerações sobre a estrutura dessas narrativas. Baseou boa parte de seus estudos na obra de Joseph Campbell,

pesquisador norte-americano responsável por uma série de trabalhos sobre mitos e ídolos.

De certa forma, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam muitas características semelhantes. Em quase todas observamos, por exemplo, a ênfase em uma perda ou dificuldade na infância juntamente com o talento nato que surge bem cedo. Mais adiante, temos provações no caminho do herói que, de forma arrebatadora, vence os obstáculos e retorna de sua missão, dividindo sua glória com seus semelhantes (HELAL, 2002, p.226)

A biografia de Frias segue o mesmo esquema. A narrativa se inicia justamente apresentando as dificuldades na infância do *publisher* da *Folha*. No caso, a morte da mãe quando ele ainda tinha oito anos de idade. Além do mais, a convivência com o tio rico, Jorge Street, e com colegas filhos da elite paulistana no Colégio São Luís, onde ele estudava mesmo não tendo a mesma condição que os demais alunos.

Sua trajetória passa a ser marcada por uma série de dificuldades que gradualmente vão sendo superadas.

Decidido a mudar de vida, Octavio aproveitou a reprovação no Colégio São Luís e foi pedir emprego ao tio. O pai não se opôs porque entendeu que o filho não tinha alternativa. Na falta de roupa e de sapatos decentes, pegou os do irmão, também chamado Felix. O irmão era muito exótico: tinha sapatos de cores bastante estranhas no conceito de Octavio, mesmo levando-se em conta que quem andava com sapatos cheios de jornal para tapar os furos não podia ser muito exigente. Apesar de encabulado com os sapatos do irmão nos pés, Octavio procurou o tio. Ainda tocado pela cerveja que já havia bebido às 8h, Felix percebeu os sapatos do sobrinho e começou a rir. Octavio fechou os olhos e desejou que o chão se abrisse e engolisse. Mesmo assim, o tio arrumou-lhe um emprego. Octavio foi admitido como *office-boy*, ganhando 28 mil-réis por mês, o suficiente para comprar algo mais que um par de sapatos. A partir desse dia, ele passou a dar cinco mil-réis em casa. (PASCHOAL, 2007, p. 35)

Nesse sentido, a trajetória de Octavio Frias se aproxima do que Helal (1999) vai chamar de modelo de herói clássico e universal. Ao estudar a biografia de Zico, ele percebeu que era ressaltado sempre o valor do trabalho, esforço e sacrifício na trajetória que leva Zico a se tornar o principal jogador da história do Flamengo, um dos clubes mais populares do futebol brasileiro. Acordando cedo, pegando duas conduções que levavam em torno de duas horas de sua casa, no subúrbio carioca de Quintino para chegar ao treino no bairro da Gávea, depois indo ao colégio e novamente enfrentando duas horas de condução até chegar em casa, a biografia de Zico é marcada por esse traço do sacrifício.

A biografia de Zico ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, se junta aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. (HELAL, 1999, p.42)

Outra característica presente em estruturas de narrativas biográficas é a presença de um ponto que vai exigir da personagem um “sacrifício sobrenatural que o diferencie dos demais mortais”. Nas biografias de Ronaldo e Zico, estudadas por Helal, foram, sobretudo, as contusões que quase decretaram o fim de suas carreiras.

No caso de Frias, há pelo menos dois fatos traumáticos marcantes na sua ascensão. A morte da primeira esposa num acidente automobilístico e a sua falência. Em 1955, na via Dutra, voltando de São José dos Campos para São Paulo, a mulher acabou morrendo num acidente. O capítulo 4 tem como título “De banqueiro a quase sem-tudo” e inicia com o depoimento da personagem. “Eu fiquei a nenhum, literalmente a zero. Não tinha nada. Assim, um belo dia me vi sem emprego, sem dinheiro e sem mulher (...) Eu me lembrava da história do Jó, da Bíblia” (p. 91) Os conhecidos, inclusive o sócio Carlos Caldeira, passaram a evitar o então falido banqueiro, temendo que ele pedisse algum empréstimo.

A narrativa, a partir daí, ganha uma espécie de curva ascendente que vai culminar com a compra da *Folha de S. Paulo*. Inicialmente com a Transaco e depois na construção do primeiro terminal rodoviário de São Paulo. Em 1962, junto com Carlos Caldeira, “Frias fechou o negócio com um cheque sem fundos numa sexta-feira, 13 de agosto, oito dias depois de completar 50 anos”.

O que falta para a configuração de sua biografia com a de um verdadeiro herói? Helal ressalta que o herói tem uma missão a cumprir. O herói vive para redimir a sociedade de seus pecados. O herói é capaz de algo extraordinário que o torna único e o diferencia. Era preciso a construção desse lado extraordinário, mas qual seria esse ponto?

Essa diferenciação vai aparecer justamente no capítulo sete: “Anos de chumbo, anos de ouro”, que inicia da seguinte forma: “As frases e os autores são os mais diversos, mas a idéia a mesma: nas adversidades é que se forjam os vencedores. Até porque, se não houvesse o que se conquistar, não haveria vitória”. Foi na abertura de espaço para expressão de diferentes segmentos da sociedade civil, que Frias, ao lado do

jornalista Cláudio Abramo, transformou a Folha no mais importante jornal do país e colaborou para a distensão do regime militar no país².

06. Controvérsias

No dia 22 de setembro de 1971, Octavio Frias de Oliveira assinou, pela primeira vez, um editorial na *Folha de S. Paulo*. No dia anterior, duas caminhonetes que distribuíam os jornais do grupo *Folha* foram incendiadas. Uma no bairro do Ipiranga e outra no Brooklin. A Aliança Libertadora Nacional (ALN) assumiu a autoria dos incêndios, acusando a empresa jornalística Folha da Manhã S.A. de “emprestar” seus veículos ao DOI-Codi, órgão de repressão da ditadura militar. Na primeira página, o editorial, intitulado *Banditismo*, afirmava:

O país, enfim, de onde a subversão – que se alimenta do ódio e cultiva a violência – está sendo definitivamente erradicada, com o decidido apoio do povo e da Imprensa, que reflete o sentimento deste. Essa mesma imprensa que os remanescentes do terror querem golpear.

O editorial classifica os grupos que estavam na luta armada no país como “marginais”. “Os que procuram disfarçar sua marginalidade sob o rótulo de idealismo político”. Em outubro, novos ataques a veículos do jornal, ambos no bairro de Pinheiros, na rua Teodoro Sampaio.

O jornal clandestino *Venceremos*, da ALN, fez uma ameaça expressa a Frias em resposta ao editorial: “O sr. Octavio Frias de Oliveira sente-se acuado, porque sabe que é inimigo do povo brasileiro, que a verdade revolucionária o atingirá e que seu justicamento é uma questão de tempo. Tanto é assim que já fez as malas e foi para casa de seus patrões: mudou-se para os Estados Unidos”. Diante da ameaça, Frias se mudou junto com a família para um andar do prédio da Folha, na alameda Barão de Limeira.

O envolvimento de veículos da empresa na repressão foi notório. A *Folha da Tarde*, sob a direção do jornalista Antônio Aggio Jr. passou a ser conhecido como “jornal de maior tiragem” (pela quantidade de policiais na redação) e “Diário Oficial da Oban (Operação Bandeirante). Outro ponto polêmico foi a legalização de mortes por

² José Arbex Jr., ex-jornalista da *Folha de S. Paulo*, hoje professor de jornalismo, faz uma série de considerações críticas sobre esse momento da Folha em seu livro *Showrnlismo. A notícia como espetáculo*. Para ele, a decisão de se abrir espaço para a sociedade civil foi marcada por uma necessidade mercadológica.

tortura. Ao dar somente a versão oficial dos órgãos de repressão, a empresa legalizava práticas que, na verdade, aconteciam nos porões da ditadura militar³.

O texto de Paschoal não ignora esse momento controverso da biografia de Frias e, de certa forma, dá uma outra versão sobre o episódio (algo que já havia sido, de certa forma, publicado na *História Oral da Folha de S. Paulo*). O envolvimento da *Folha da Tarde* não é questionado. Quem parte em defesa de Frias é seu filho Octavio Filho, hoje editor do jornal.

Depois de conversar com o meu pai e até com gente que teve ligações com a guerrilha naquela época, eu diria que sim: os caminhões de transporte da Folha foram usados por equipes do DOI-Codi para fazer campana e até para prender guerrilheiros, ou supostos guerrilheiros. Mas tenho a convicção de que isso foi feito à revelia do meu pai. (PASCHOAL, 2007, p. 157)

Frias Filho afirmou ainda ter interpelado o pai várias vezes. “Mas sempre negou que tivesse conhecimento de que os caminhões fossem usados para repressão”. A responsabilidade por esse envolvimento da Folha com os órgãos da repressão é toda atribuída a Antonio Aggio Jr., que depois se tornou assessor de imprensa do senador Romeu Tuma, um ex-policial da Oban.

Seria possível o *publisher* da Folha, homem que na própria biografia é descrito como alguém atento a tudo o que acontecia dentro da sua empresa, muitas vezes renunciando a qualquer luxo e conforto na vida pessoal para se dedicar ao trabalho, não saber da utilização de carros da empresa pelos órgãos da repressão política? Mesmo que não tivesse conhecimento, isso o isenta de responsabilidade?

Essa controvérsia, da forma como narrada no texto de Engel Paschoal e da forma como aparece em outros textos (KUSHNIR, 2004), é outro ponto marcante na construção de biografias. Nesse caso, o discurso opta pela versão de Frias Filho sobre o episódio, mas não dá luz a outras versões e opiniões controversas que ajudariam a compor um texto mais polifônico afastando-o da crítica de biografia oficial.

07. Conclusão

A biografia de Frias veio se somar a de outros donos da mídia. Da mesma forma, foi mais uma biografia assinada por jornalistas, algo que vem se tornando cada vez mais

³ O assunto é amplamente discutido no livro *Cães de Guarda. Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988* da pesquisadora Beatriz Kushnir.

comum no mercado editorial brasileiro. As questões levantadas nesse trabalho não se esgotam nele. Deverão ser tratadas em trabalhos futuros.

Infelizmente, ainda são poucas as reflexões, no campo da pesquisa em jornalismo, sobre biografias. Mais do que apresentar conclusões definitivas, novas questões parecem surgir. É possível se falar de estruturas ou esquemas narrativos similares na construção de biografias? Há possibilidade da construção de uma biografia definitiva? O discurso jornalístico é o melhor na elaboração de textos biográficos? Se não, por que tem sido tão utilizado pelo mercado editorial brasileiro? Enfim, questões que se somam a um objeto de estudo ainda a ser explorado no campo do jornalismo.

08. Bibliografia

ARBEX Jr. José. Showrnalismo. A notícia como espetáculo. São Paulo, Casa Amarela, 2003.

GRAHAM, Katharine. Katharine Graham. Uma história pessoal. São Paulo, DBA, 1998.

HELAL, Ronaldo. “Idolatria e malandragem”. Anais da Compós, 2002.

KUSHNIR, Beatriz. Cães de Guarda. Jornalistas e censores. Do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo, Boitempo, 2004.

PASCHOAL, Engel. A trajetória de Octavio Frias de Oliveira. São Paulo, Publifolha, 2007.

PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo, Contexto, 2006.

_____. Teoria da Biografia sem fim. Rio de Janeiro, Mauad, 2004.

TALESE, Gay. O reino e o poder. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

TRAQUINA, Nelson. O Estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo, Unisinos, 2001.